

Zygmunt Bauman e administração da vida na era da liquidez

Renato Nunes Bittencourt

A incerteza é o habitat natural da vida humana – ainda que a esperança de escapar da incerteza seja o motor das atividades humanas. Escapar da incerteza é um ingrediente fundamental, mesmo que apenas tacitamente presumido, de todas e quaisquer imagens compósitas da felicidade. É por isso que a felicidade “genuína, adequada e total” sempre parece residir em algum lugar à frente: tal como o horizonte, que recua quando se tenta chegar mais perto dele.¹

O desenvolvimento da ideologia de bem-estar pessoal, que exige de cada cidadão “produtivo” o dever de desfrutar a sua vida da forma mais aprazível possível, destoa, no entanto, da necessidade de o indivíduo inserido nesse mesmo grupo social abrir mão do seu gozo material, caracteristicamente relaxante, em prol da manutenção de um regime disciplinar cotidiano que muitas vezes lhe gera intensos transtornos afetivos e psicofisiológicos. Para se manter um elevado padrão de vida, o preço a ser pago é certamente doloroso: a contínua dedicação ao mundo do trabalho, que rompe a esfera do ambiente estritamente profissional e avança vorazmente sobre os sagrados espaços domiciliares. Entretanto, apesar da situação estressante que a dedicação profissional impõe a cada um de nós, esforçamo-nos para manter o funcionamento pleno desse sistema social, baseado no esgotamento individual em prol do sucesso profissional, processo que sustenta a organização civilizatória do mundo ocidental, cada vez menos sólido em sua estrutura de segurança para os nossos projetos existenciais e aspirações pessoais de enriquecimento e obtenção do sucesso almejado a cada instante.

¹ BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*, p. 31-32.

Imerso em uma práxis econômica que impede a fixidez da produtividade humana, o indivíduo lida com a ameaça da flexibilidade profissional, a “dança das cadeiras” da civilização capitalista. Para Richard Sennett, é bastante natural que a flexibilidade cause ansiedade: as pessoas não sabem que riscos serão compensados ou que caminhos seguir.² Há sempre um afeto que espreita a frágil sanidade de nossa sociedade pretensamente “bem-sucedida”: o medo. “A paz de espírito, se a alcançarmos, será do tipo *até segunda ordem*”, eis o argumento de Bauman.³ Ora, tememos perder o fruto de nossas conquistas pessoais e nosso conforto material, seja pelas crises econômicas, seja pela insegurança e instabilidade da vida urbana, e mesmo pelas catástrofes naturais, que não fazem distinção entre os países ricos e os países em estado de desenvolvimento.

A instabilidade econômica, não obstante os transtornos que ela causa em nossa infraestrutura social e em nossa organização familiar, pode ser resolvida com medidas políticas eficientes; os efeitos avassaladores da natureza podem ser atenuados com ações eficientes de prevenção e socorro, capitaneadas pelas forças governamentais; entretanto, a situação de violência se amplia cada vez mais, não apenas nas grandes metrópoles, mas também em todos os espaços ocupados por seres humanos, e é contra os transtornos dessa situação tensa que nossa ordem social mais se vê obrigada a elaborar mecanismos de fuga psíquica e defesa coercitiva. O alvo a ser atingido por essa reação protetora é a massa humana, excluída da moral hedonista-consumista-líquida (que sustenta seus parâmetros valorativos na ausência de compromissos interpessoais efetivamente bilaterais). No auge da era da liquidez, o ser humano se despersonaliza e adquire o estatuto de coisa a ser consumida, para, em seguida, ser descartada por outrem, quando esta figura se cansa do uso continuado do objeto “homem”, facilmente repostado por modelos similares. Na atual conjuntura das relações interpessoais, ninguém é considerado insubstituível. Podemos dizer que essa disposição valorativa é uma espécie de violência simbólica contra a dignidade da condição humana, que é haver para cada pessoa uma singularidade própria, intransferível. Esse processo de despersonalização do indivíduo, imerso no oce-

² SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*, p. 9.

³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*, p. 19.

ano da indiferença existencial, é a característica por excelência da ideia de “vida líquida” problematizada por Bauman, uma vida precária, em condições de incerteza constante:

A vida na sociedade líquido-moderna é uma versão perniciosa da dança das cadeiras, jogada para valer. O verdadeiro prêmio nessa competição é a garantia (temporária) de ser excluído das fileiras dos destruídos e evitar ser jogado no lixo.⁴

Esta é a “política” do medo cotidiano, que mantém as pessoas longe dos espaços públicos e as afasta de uma sociabilidade mais sólida. Imerso nesse processo rotativo de inclusão e exclusão instantâneas nas suas relações afetivas, a “humanidade líquida” cada vez mais teme afirmar a potência unificadora do amor, sentimento que, aliás, é dificilmente mensurável por critérios quantitativos e cálculos estatísticos. É possível expressarmos adequadamente tal afeto por alguém? Quando amamos, amamos a pessoa pelo que ela é ou pelo que ela representa para nós? A “moralidade líquida” optou pela segunda possibilidade, fazendo sempre da figura do outro um estranho que só adquire importância quando se presta a satisfazer os nossos objetivos egoístas. Essa disposição afetiva não é uma cruel novidade da era da técnica, mas certamente encontrou o seu mais intenso nível de degradação existencial do homem em nossa terrível “Idade de Ferro”, isto é, a “pós-modernidade líquida”. “A pessoa não se preocupa com sua vida e felicidade, mas em tornar-se vendável”, diz Erich Fromm.⁵

No contexto da vivência líquida, amar se caracteriza sempre como um ato arriscado, perigoso, pois não conhecemos de antemão o resultado final das nossas experiências afetivas: só é possível nos preocuparmos com as consequências que podemos prever, e somente delas que podemos lutar para escapar, como diz Bauman.⁶ Uma vez que o outro é encarado apenas como uma peça que rapidamente entra em processo de obsolescência, tranquilamente se usufrui o seu

⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida*, p. 10.

⁵ FROMM, Erich. *Análise do homem*, p. 72.

⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*, p. 18.

potencial pessoal para que logo após se possa dispensá-lo, sem que haja quaisquer crises de consciência da parte do indivíduo consumista de afetos e experiências, típica máscara de Don Juan. A relação amorosa baseada na reciprocidade e no respeito desvela o espírito de alteridade entre duas pessoas, que se compreendem e se valorizam enquanto expressões subjetivas singulares. A necessidade mais profunda do ser humano é superar seu estado de separação em relação ao outro, deixando assim a prisão de sua solidão. Erich Fromm, manifestando grande convergência com as questões problematizadas por Bauman, diz que “se eu amo o outro, sinto-me um só com ele, mas com ele como ele é, e não na medida em que preciso dele como objeto para meu uso”.⁷

Todavia, a magia “romântica” do amor se dissolveu na velocidade da vida dinâmica da vertiginosa era da alta tecnologia. Por temermos a proximidade com o outro, preferimos então abrir mão das relações amorosas concretas para adentrarmos na dimensão das relações virtuais. Conforme os dizeres de Bauman, “é preciso diluir as relações para que possamos consumi-las”.⁸ A grande vantagem da prática amorosa mediatizada pela tela de computador é que evitamos assim a intimidade indesejável com a presença do parceiro. Se porventura essa relação se desgasta, basta que se aperte alguma tecla, para que assim se exclua para sempre o contato dessa pessoa da lista. O mundo virtual, que deveria proporcionar a aproximação entre os indivíduos, acaba então motivando ainda mais a ruptura interpessoal, com o agravante de que o amor virtual se trata de uma ilusão afetiva, ainda que supostamente prazerosa para aquele que dela se utiliza. Os relacionamentos virtuais são assépticos e descartáveis, e não exigem o compromisso efetivo de nenhuma das partes pretensamente envolvidas. Bauman define tanto as “práticas amorosas” virtuais como os relacionamentos afetivos marcados por um gosto pela efemeridade com o termo “relacionamento de bolso”, pois podemos dispor deles quando necessário e depois tornar a guardá-los.⁹ De acordo com essa perspectiva mega-hedonista, o mais conveniente é se relacionar com alguém sem que haja afetivamente qualquer tipo de interação completa entre os parcei-

⁷ FROMM, Erich. *A arte de amar*, p. 35.

⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*, p. 10.

⁹ *Ibid.*, p. 10.

ros, de modo que um acaba se tornando estranho ao outro, criando-se um jogo de superficialidade pseudoamorosa. Conforme argumenta Anthony Giddens, grande interlocutor intelectual de Bauman:

Para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, é necessário o compromisso; mas qualquer um que se comprometa sem reservas arrisca-se a sofrer muito no futuro, no caso do relacionamento vir a se dissolver.¹⁰

Tememos amar plenamente alguém pelo fato de não quisermos vir a ser usados no máximo das nossas capacidades e sermos excluídos posteriormente, quando a relação demonstrar os seus primeiros sinais de desgaste. Como destaca Bauman, “desenvolvemos o crônico medo de sermos deixados para trás, de sermos excluídos”.¹¹ Não queremos ser violentados afetivamente pelo desgosto da decepção sentimental. Sennett, por sua vez, argumenta que nas relações íntimas, o medo de se tornar dependente de outra pessoa é uma falta de confiança nela; em vez disso, prevalecem nossas defesas.¹² Há de se ressaltar que a própria mídia é uma grande incentivadora dessa tendência dissolvente dos valores elevados da cultura humana, pois continuamente ela despeja na massa social a ideia de que está na moda o ato de se “ficar” com várias pessoas sem que se mantenha compromisso duradouro com ninguém, uma vez que assim, segundo os critérios dessa moral de consumo aplicada à dinâmica amorosa, amplia-se a quantidade de experiências afetivas. Troca-se de parceiro como se troca de peça de vestuário, e desse modo a lógica do descarte pessoal impera triunfante na liquidez humana de nossa contemporaneidade. Mediante esse problema apresentado, poderíamos indagar: quando alguém diz que “fica” com várias pessoas, será que de fato essa pessoa “fica” com alguém? Aliás, será que podemos dizer que a pessoa imersa na liquefação existencial da pós-modernidade é capaz de ficar a sós algum momento consigo mesma, isto é, adquirir autoconsciência,

¹⁰ GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade*, p. 152.

¹¹ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*, p. 29

¹² SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter*, p. 167.

interiorizar-se, compreender o seu próprio potencial criativo? A mídia, em vez de motivar na coletividade social a busca efetiva por mais cultura, utiliza-se do potencial consumidor do indivíduo para continuar exercendo o seu poder controlador sobre as massas. Bauman salienta que

A autoridade das celebridades deriva da autoridade do número – ela aumenta (e diminui) com o número de espectadores, ouvintes, compradores de livros e discos. O número e diminuição de seu poder de sedução (e, portanto, de conforto) estão sincronizados com os movimentos de pêndulos dos índices de audiência da TV e da circulação de tabloides.¹³

Talvez seja por isso que os grandes “heróis” da mídia se caracterizam geralmente pela ausência de senso crítico acerca dos problemas reais que afetam a organização social, pois a eles cabe apenas representar o papel de chamariz de sedução do grande público, daí decorrendo a necessidade de se apresentarem como corpos fortes, aparentemente saudáveis, pois essa beleza forjada nas clínicas de estética se torna o estímulo para que a coletividade social copie tal padrão de comportamento, consumindo as coisas cujas marcas publicitárias se identificam com tais celebridades. Bauman questiona:

Os novos produtos despertam o entusiasmo dos consumidores porque prometem fornecer aquilo de que eles precisam – mas como é que os consumidores saberiam de que precisam e onde obtê-lo se não fossem adequadamente informados?¹⁴

Muitas são as formulações possíveis para a erupção do medo humano, seja das expressões mais sutis e veladas às mais ostensivas, diferença que, aliás, não atenua o seu efeito subjugador do homem, pois o medo sempre motiva uma compreensão obtusa da realidade; entretanto, o medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem moti-

¹³ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*, p. 64.

¹⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Europa*, p. 115

vo claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la, conforme salienta Bauman.¹⁵ Essa situação se manifesta nitidamente no problema da violência nos grandes eixos urbanos, onde, por mais que tenhamos noção de que há pontos geográficos problemáticos cuja frequência convém ser evitada (ou quando muito frequentada com a máxima cautela possível), descobrimos amargamente que em nenhum ponto da cidade estamos de fato a salvo dos efeitos destrutivos da discórdia humana. Conforme Freud argumenta em *O futuro de uma ilusão*:

Foi precisamente por causa dos perigos com que a natureza nos ameaça que nos reunimos e criamos a civilização, a qual também, entre outras coisas, se destina a tornar possível nossa vida comunal, pois a principal missão, sua *raison d'être* [razão de ser] real, é nos defender contra a natureza.¹⁶

Pois bem, esse paradigma do estabelecimento da ordem civilizada se modifica na vida líquida da pós-modernidade. Criamos comunidades homogêneas em padrões de comportamentos e valores como forma de nos contrapormos ao tipo existencial do “Outro”, e sua desagradável diferença axiológica em relação aos parâmetros que dogmáticamente consideramos eternos e sagrados; esta é, nessas condições, a nova estrutura civilizatória que gerencia nossa existência no conturbado mundo líquido. Tememos a proximidade do “Outro”, pois este, na visão distorcida que dele fazemos, traz sempre consigo uma sombra ameaçadora, capaz de desestabilizar o frágil suporte de nossa organização familiar, de nossa atividade profissional e de nossa sociedade como um todo. Sendo o “Outro” proclamado como o verdadeiro culpado por todo infortúnio da vida corriqueira, tudo aquilo que é feito para minar a sua dita influência maléfica sobre nós se torna válido. O agravante de tal situação é que muitas vezes colocamos o outro em situações vexatórias ou em condições vitais degradantes, e ainda por cima esperamos dele respostas positivas. Bauman argumenta que

¹⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*, p. 8

¹⁶ FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*, p. 26.

Os medos nos estimulam a assumir uma ação defensiva. Quando isso ocorre, a ação defensiva confere proximidade e tangibilidade ao medo. São nossas respostas que reclassificam as premonições sombrias como realidade diária, dando corpo à palavra. O medo agora se estabeleceu, saturando nossas rotinas cotidianas; praticamente não precisa de outros estímulos exteriores, já que as ações que estimula, dia após dia, fornecem toda a motivação e toda a energia de que ele necessita para se reproduzir. Entre os mecanismos que buscam aproximar-se do modelo de sonhos do moto-perpétuo, a autorreprodução do emaranhado do medo e das ações inspiradas por esse sentimento está perto de reclamar uma posição de destaque.¹⁷

Para que se lute contra os efeitos destrutivos da agressividade social, temos atualmente ao nosso dispor uma série de recursos de segurança, elaborados em prol da manutenção de nosso bem-estar pessoal e familiar diante das “ameaças” que sofremos cotidianamente, e do caos urbano e da onda de violência que imperam em nossa vertiginosa e líquida sociedade tecnocrática. Todavia, apesar dessa imensa oferta de aparatos de proteção pessoal e dos mecanismos de afastamento e repressão aos elementos considerados “socialmente indesejáveis”, será que de fato estamos realmente seguros diante das ameaças que espreitam nossa frágil organização familiar e profissional? Para Christopher Lasch, “em uma época carregada de problemas, a vida cotidiana passa a ser um exercício de sobrevivência. Vive-se um dia de cada vez”.¹⁸

O sentimento de medo diante da massa social marginalizada estimulou a criação de sofisticados aparatos de segurança, mas apesar de utilizarmos todas as combinações possíveis de instrumentos de proteção, não nos sentimos a salvo dessas situações incômodas. Tanto pior, pois o medo, de tanto afligir a afetividade do homem pós-moderno, torna-se um sentimento abstrato, não sabemos mais efetivamente quem o motiva e por quê. Então, por um princípio de economia, transferimos a responsabilidade moral desse medo para o “outro”, sempre ele, e

¹⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*, p. 15.

¹⁸ LASCH, Christopher. *O mínimo eu*, p. 9.

quem encarna a máscara da alteridade, nesse jogo dicotômico, é o grupo dos deserdados socialmente.

Em decorrência da resolução dessa questão, cabe então que se faça outra: qual o critério valorativo para determinarmos o teor e a intensidade corrosiva dos nossos medos? Não seria nossa ansiedade consequente de uma tendenciosa incapacidade de desenvolvermos autênticas relações interpessoais e dos contínuos preconceitos cotidianos diante de todos aqueles que percebemos como incompatíveis com nosso modo de ser? Toda pessoa que destoia de nosso padrão preestabelecido de conduta e valores é prontamente estigmatizado como o “diferente”, portanto como “desagradável” e potencial fonte de perigo para a manutenção de nosso conforto existencial. “Diga-me quais são os seus valores e eu lhes direi qual é a sua identidade”, comenta ironicamente Bauman.¹⁹ Afinal, a massificação da cultura visa acima de tudo eliminar as supostas características discrepantes entre os indivíduos, de modo que todos devem ser “iguais”, isto é, seguir os mesmos padrões de comportamento, consumir as mesmas coisas e se guiar fielmente pelos ditames da moda em voga. O fato de se ser diferente e destoar do padrão comportamental estabelecido é sinal de “heresia” social. Em nome da manutenção da nossa conservadora estabilidade social, é mais pertinente que toda a coletividade de indivíduos viva massificada sob o imperativo do anonimato, ainda que isso resulte em prejuízo para a inovação da cultura; aliás, a condição humana da era líquida pouco se importa com o desenvolvimento de atividades culturais de genuíno refinamento estético. A outra possibilidade seria se conceder maiores liberdades aos seres potencialmente criativos, mas com o risco de haver convulsões sociais, caso acontecesse de um membro dessa comunidade se singularizar de maneira excessiva em relação aos demais carneiros de Panúrgio da era líquida. Na eventualidade dessa pessoa conquistar sobre a massa amorfa da sociedade a admiração e a veneração, essa circunstância tornaria tal indivíduo libertário um exemplo de dissidência da ordem estabelecida, estimulando muitos outros a imitar o seu perfil singular.

A observação onisciente das atitudes individuais empreendida pelo organismo social de controle preconiza acima de tudo retirar dos corpos humanos a disposição para a ação e a reação diante dos eventos cotidianos, minando intrinsecamente a sua força de contestação. Trata-se de um projeto de tornar os

¹⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Europa*, p. 125.

ânimos individuais cada vez mais dóceis, com o objetivo de que a coletividade social se torne submissa diante das determinações legais, o que demonstra um paralelo com a domesticação de animais selvagens, os quais, mesmo que fisicamente poderosos, acabaram por ser subjugados pelas habilidades técnicas dos homens. Foucault considera que, ao enfraquecer as resistências individuais, o poder instituído suprime radicalmente toda voz de dissensão diante das suas arbitrárias manifestações de opressão.²⁰

Analisando as infraestruturas das grandes metrópoles, podemos ver o contínuo desenvolvimento de uma arquitetura do medo, modificando violentamente as disposições estéticas dos paisagistas urbanos, que se encontraram então na urgência de planejarem prédios e *shoppings* hiperseguros, como defesa contra as ameaças dos “outros” – nesse contexto, as pessoas consideradas economicamente inviáveis e os marginais sociais. Essa é a estética da segurança, que impõe uma lógica da vigilância e da manutenção da devida distância aos tipos humanos estigmatizados como “indesejáveis”. Em nossa sociedade líquida, “manter-se à distância parece a única forma razoável de proceder”, diz Bauman.²¹ Uma vez que a realidade exterior se apresenta sempre diante de nossa limitada percepção como ameaçadora e violenta, os muros inexpugnáveis, as grades de proteção que delimitam nosso espaço vital e o mundo de fora e as câmeras de monitoração cumprem o papel de garantir psiquicamente nossa segurança pessoal, tornando-nos, todavia, dependentes desse paranoico sistema de controle. Para Bauman,

Vigias eletrônicos, alarmes contra roubo e entradas e saídas estreitas que se fecham sozinhas separam essa utopia miniaturizada do resto do mundo, abandonado à sua confusão aparentemente inextirpável. Prodígios de harmonia e perfeição são agora oferecidos como entretenimento – para os passeios de domingo e o desfrute da família. Ninguém supõe que sejam reais. A maioria, porém, concorda que melhoram a realidade.²²

²⁰ FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*, p. 103.

²¹ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*, p. 93.

²² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*, p. 239.

O preço dessa vigilância ostensiva contínua talvez seja a perda da espontaneidade: todos passam a viver como que participando da exibição ao vivo de uma peça de teatro, onde os papéis não foram devidamente encenados; então, para se evitar maiores vergonhas, cala-se o já mínimo discurso singular, escondendo-se cada um sob as malhas do impessoal. Aproveitando as ideias de Marshall McLuhan e sua difundida tese de que os meios de comunicação são extensões do homem,²³ podemos dizer que os incólumes muros de proteção que construímos se tornaram também extensões hiperbólicas do corpo humano, na sua sôfrega ânsia de se resguardar diante do tenebroso e agitado mundo exterior. Afinal, a necessidade de nos enclausurarmos em espaços hermeticamente fechados e vigiados continuamente, motiva, em contraparte, nosso próprio encarceramento existencial e o medo por espaços livres, onde ficamos por alguns instantes em contato com a realidade externa e, portanto, à mercê das ameaças dos “estranhos”.

Bauman argumenta que “a liberdade sem segurança não tende a causar menos infelicidade do que a segurança sem liberdade, e que necessitamos tanto de liberdade como de segurança, e o sacrifício de qualquer um deles pode nos causar sofrimentos”.²⁴ Postulamos a impossibilidade de que nada pode nos afetar enquanto estivermos dentro do espaço confortável de isolamento que criamos em relação aos perigos do mundo externo, mas o preço disso é a redução de nossa amplitude de movimentos, de modo que nos arriscamos a ver despontar a infelicidade, a despeito da segurança material que obtivemos. “Contra o sofrimento que pode advir dos relacionamentos humanos, a defesa mais imediata é o isolamento voluntário, o manter-se à distância das outras pessoas”; “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança”, diz Freud em *O mal-estar na civilização*.²⁵ A vida cotidiana em nossa dinâmica pós-modernidade se resume em seguirmos um padrão mecânico de ações, em que qualquer alteração da rotina pode gerar consequências catastróficas para quem se aventura a arriscar algo de novo. “Não seremos hu-

²³ MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*.

²⁴ BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada*, p. 58.

²⁵ FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização*, p. 16, 72.

manos sem segurança ou sem liberdade; mas não podemos ter as duas ao mesmo tempo e ambas na quantidade que quisermos”, conforme destaca Bauman.²⁶ Nas condições opressoras da era “líquida”, falar de “liberdade” na existência humana é uma tarefa insólita. Analisando tal perspectiva de nossa era de decadência existencial, Christopher Lasch afirma que “a liberdade passa ser a liberdade entre a marca “x” e a marca “y”, entre amantes intercambiáveis, entre trabalhos intercambiáveis, entre vizinhos intercambiáveis”.²⁷

Como complemento aos aparatos técnicos de proteção física proporcionados pela sociedade de controle, há que se lembrar que está ao dispor do “homem pós-moderno” o consumo contínuo de remédios tranquilizantes, para que o seu sono e sua “sanidade psíquica” não sejam ameaçados pelo terror do pesadelo do “mundo dos outros”. O medo público movimenta a economia social, seja na aquisição dos produtos de segurança, seja no consumo dos remédios que proporcionam momentaneamente uma sensação de alívio psíquico diante da realidade angustiante do mundo exterior, pavor que retorna continuamente, para nosso desgosto. Bauman considera que, na “idade líquida pós-moderna”,

O mundo é visto e sentido como menos convidativo. Parece um mundo hostil, traiçoeiro, transpirando vingança, um mundo que agora precisa ser transformado num lugar seguro para os ocidentais-feitos-turistas-e-comerciantes.²⁸

Pensemos na hipótese de no futuro o sentimento de medo ser completamente eliminado da condição humana. Qual seria a consequência imediata dessa revolução existencial? Certamente um prejuízo imensurável para a nossa já combatida economia, corroída pela grande crise financeira, afetando assim as indústrias automobilísticas, que cada vez mais elaboram modelos de veículos protegidos contra os ataques da violência social, as indústrias de aparatos técnicos de segurança, que dependem do clima de insegurança pública para que os seus instrumentos de

²⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*, p. 11.

²⁷ LASCH, Christopher. *O mínimo eu*, p. 29.

²⁸ BAUMAN, Zygmunt. *Europa*, p. 36.

proteção sejam adquiridos, assim como as indústrias farmacêuticas, que prosperam financeiramente mediante a exploração psicofisiológica do medo humano através do consumo dos remédios que eliminam temporariamente os inúmeros desgostos da existência. Conforme destaca Bauman, “grande parte do capital comercial pode ser – e é – acumulado a partir da insegurança e do medo”.²⁹ Nessas condições, o medo se torna imprescindível para a manutenção da ordem social, por mais extravagantemente absurda (e terrivelmente prejudicial para a vida humana) que seja tal necessidade. Desse modo, será que de fato é conveniente que o medo humano se extinga? Segundo Bauman,

No medo, a indústria do consumo encontra a mina de ouro sem fim e autorrenovável que há muito procurava. Para a indústria do consumo, o medo é, plena e verdadeiramente, um “recurso renovável”. O medo se tornou o moto-perpétuo do mercado de consumo – e portanto da economia mundial.³⁰

Associada intimamente a esta questão, ainda há que se ressaltar que é por meio da elevação do índice de medo na população de uma sociedade que o poder estabelecido se outorga o direito de criar medidas de exceção contra as ameaças que avançam de todas as direções. Esse dispositivo é elaborado não para que se possa preservar o conforto material e existencial de um grupo beneficiado imediatamente por tais ações coercitivas contra a grande massa humana considerada econômica e existencialmente descartável, mas para em verdade se aproveitar da fragilidade e da desmobilização política da população como um todo. Quando esta é dominada pelo temor e pelas incertezas em relação ao seu sombrio futuro, ela perde toda a sua força transformadora, tornando-se uma massa inerte, não obstante a quantidade numérica de seres humanos que constituem esse grupo intrinsecamente anárquico, pois desprovido da capacidade de mobilização social.

²⁹ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*, p. 18.

³⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Europa*, p. 96.

Bauman salienta que desde o começo o Estado moderno foi confrontado com a tarefa assustadora de administrar o medo.³¹ O fator problemático é que o poder normativo do Estado depende da passividade pública, que sucumbe perante o medo de vir a perder a parca qualidade de vida duramente conquistada e legítima suas ações arbitrárias mediante a ausência de uma genuína práxis transformadora no povo. É por tal motivo que as sociedades tirânicas apelam continuamente para a infiltração de elementos irracionais e supersticiosos na ideologia dominante, como forma para conter de antemão a possibilidade de surgir os ímpetus reivindicadores de uma dada população, quando esta se sente prejudicada pelos abusos do poder despótico. Como destaca Erich Fromm, “o poder, de um lado, e o medo, de outro, são sempre os esteios em que se apoia a autoridade irracional”.³² O uso tendencioso do medo social pode auxiliar na legitimação das “guerras preventivas”, situação percebida de forma excepcional pela equipe do governo de George W. Bush, que soube manipular a opinião pública norte-americana para estabelecer a destruição terrorista do território iraquiano, utilizando-se, todavia, da retórica vazia de “defensor” da “Justiça” e do “Bem”, projetando na imagem do “outro” o “Mal” em suas qualidades mais radicais. Aliás, o discurso ideológico do medo projeta sempre no “outro” a presença de características ignominiosas, quando na verdade é ele próprio que é constituído por tais “qualidades”. Ataca-se a figura do “outro” pelo medo que a sua presença simbólica provoca no modelo existencial sustentado pela fragilidade psíquica das massas. Aproveitemos algumas contribuições de Chomsky para o tema abordado: “Os monstros continuam a surgir, um após o outro. Você amedronta, aterroriza e intimida a população para que ela se encolha de medo e fique acovardada demais para sair do lugar”.³³

Os meios de comunicação – especialmente aqueles que se aproveitam dos mecanismos sensacionalistas de exposição das mazelas sociais – também seriam afetados pela extinção do medo, pois não haveria mais a possibilidade de explorarem a elevação dos níveis de audiência por meio dos estímulos estéticos fortes propor-

³¹ BAUMAN, Zygmunt. *Tempos líquidos*, p. 65.

³² FROMM, Erich. *Análise do homem*, p. 22.

³³ CHOMSKY, Noam. *O controle da mídia: os espetaculares efeitos da propaganda*, p. 39.

cionados pela exibição de cenas violentas, que exercem sobre a afetividade humana um impacto ambíguo: ao mesmo tempo que geram a repugnância, geram também o desejo de contemplação do horror. A sociedade de informação, na era pós-moderna, continua sectária da “concupiscência do olhar”. Da mesma forma que um desastre desperta a curiosidade de ver todos os detalhes possíveis no indivíduo que se encontra próximo ao local desse acontecimento fatídico, assim também se dá quando os desastres são transpostos para as imagens da televisão. O máximo de prazer estético que pode ser fornecido ao telespectador por uma rede de TV é a exibição ao vivo da morte de um indivíduo ou, em circunstâncias mais atenuadas, dos conflitos entre forças policiais e criminosos, ações de assaltantes ou, ainda, gravações ocultas de repórteres expondo as vendas de drogas por traficantes. Em todas essas circunstâncias há no telespectador a erupção da repugnância, do horror e da lamentação, mas também um gozo secreto de prazer, pela oportunidade que lhe é concedida de ver, sentado confortavelmente na sua poltrona, a destruição humana de múltiplas maneiras. Conforme argumenta Christopher Lasch, “os jornais diários e os noticiários de televisão relatam acontecimentos mais grotescos e bizarros que os sonhos mais extravagantes de um escritor”.³⁴ O resultado existencial dessa soma de imagens, todavia, não tarda a aparecer, e é o medo, decorrente das impressões violentas motivadas pelo constante ato de apreciação estética das mazelas sociais como espetáculo.

O indivíduo dominado pelo medo das ameaças sociais, protegido pela solidez dos muros que separam o mundo “bárbaro” de sua vida privada, acredita talvez que sua existência seja de fato real. Será mesmo? Ora, o seu estreito mundo fechado, criado como uma fuga confortável perante o mal-estar da vida urbana, na verdade é uma ilusão agradável gerada pela necessidade burguesa-liquida do homem de se considerar efetivamente seguro na sua ilha simbólica rodeada de mazelas, ilusão similar a de uma “Terra do Nunca”, um conto de fadas pós-moderno. A insurgência do medo exige que cada um faça de seu lar um *bunker* equipado com todos os recursos necessários para a manutenção da sobrevivência, para que se evite a menor exposição possível em áreas públicas, repletas de pessoas “estranhas”. De acordo com Bauman,

³⁴ LASCH, Christopher. *O mínimo eu*, p. 117.

O medo do desconhecido – no qual, mesmo que subliminarmente, estamos envolvidos – busca desesperadamente algum tipo de alívio. As ânsias acumuladas tendem a se descarregar sobre aquela categoria de “forasteiros” escolhidos para encarnar a “estrangeiridade”, a não-familiaridade, a opacidade do ambiente em que se vive e a indeterminação dos perigos e das ameaças.³⁵

A exaltação contínua da vida condominial decorre da ameaça social das classes com maior poder aquisitivo no sentido de se libertar definitivamente dos constantes problemas urbanos, de modo que todas as necessidades básicas da vida cotidiana desse grupo social – de evidente índole asséptica – encontram as suas instituições nesses aglomerados de identidades uniformes. Escolas, academias de ginástica, padarias, hospitais, bancos e até mesmo igrejas devem estar situados nesses locais partidários de sintonias axiológicas: a lógica do “igual”. Aliás, há que se destacar que já existem faculdades (particulares) exercendo suas atividades pedagógicas em condomínios para os seus eleitos habitantes. Seria importante sabermos se existe alguma diferença curricular entre os cursos de graduação das faculdades do “mundo exterior” e as faculdades do mundo condominial. Certamente o cúmulo do disparate será existir um dia uma universidade pública em funcionamento dentro de um condomínio pós-moderno. Obviamente, aqui não se trata de criticar a vida comunitária típica dos condomínios de segurança máxima, mas de se colocar em questão o desejo sôfrego de se obter o isolamento asséptico em relação aos problemas da vida social dos núcleos urbanos, reduzindo assim a amplitude de compreensão do “real” de todos aqueles que habitam tais espaços, que passam a acreditar simbolicamente que o limitado território ocupado pelo condomínio é uma cidade à parte em relação ao mundo exterior, tão próximo fisicamente, tão distante social e existencialmente. Bauman destaca que é nossa “obsessão com segurança”, assim como nossa intolerância a qualquer brecha – ainda que mínima – no seu fornecimento, que se torna a fonte mais prolífica, autorrenovável e provavelmente inexaurível de nossa ansiedade e do nosso medo.³⁶

³⁵ BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*, p. 36-37.

³⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Medo líquido*, p. 169.

“Os limites do mundo são os limites do meu condomínio”, esse deveria ser o lema adotado por esse grupo seletivo de habitantes do Éden moderno-líquido. Talvez uma situação também absurda, mas possível de vir a acontecer no “futuro líquido”, seria um indivíduo nascer, amadurecer e morrer no espaço condominial sem conhecer a realidade externa, sendo sepultado no torrão natal que tanto amou ao longo de sua vida líquida (de máximo controle e mínima emoção), localizado nos fundos desse território. Segundo Bauman,

Para pessoas inseguras, desorientadas, confusas e assustadas pela instabilidade e transitoriedade do mundo que habitam, a “comunidade” parece uma alternativa tentadora. É um sonho agradável, uma visão do paraíso: de tranquilidade, segurança física e paz espiritual.³⁷

Podemos afirmar que o elemento mais paradoxal desse mecanismo de controle permanente das aspirações individuais, conforme efetivado pelos aparelhos normativos da sociedade de vigilância, reside na ideia de que o bem-estar que o indivíduo tanto deseja obter somente pode ser conquistado através da supressão de sua liberdade pessoal, pois é justamente a excessiva flexibilidade das suas ações que motivam as circunstâncias que prejudicam a ordem da frágil estabilidade social. Bauman destaca que “o mal-estar da pós-modernidade nasce da liberdade, em vez da opressão”.³⁸ Essa liberdade, todavia, se revela como um grande engodo, pois em troca da segurança prometida pela ideologia do conforto material, a vida em comunidade parece nos privar dessa ansiada liberdade, sinal nítido da degeneração do sentimento da esqualida paz e tranquilidade da nossa organização civilizatória. Lasch argumenta que

A acusação máxima contra a civilização industrial não está apenas em que ela tenha devastado a natureza, mas que tenha minado a nossa confiança na continuidade e permanência do mundo feito

³⁷ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*, p. 68.

³⁸ BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*, p. 156.

pelo homem ao cercar-nos com bens disponíveis e fantásticas imagens de mercadorias.³⁹

Ao trazer à tona os contundentes sintomas de empobrecimento e dissolução das relações pessoais na nossa experiência da liquidez da “mal (dita)” pós-modernidade, Bauman nos faz a seguinte pergunta retórica:

Você quer segurança? Abra mão de sua liberdade, ou pelo menos de boa parte dela. Você quer poder confiar? Não confie em ninguém de fora da comunidade. Você quer entendimento mútuo? Não fale com estranhos, nem fale línguas estrangeiras. Você quer essa sensação aconchegante do lar? Ponha alarmes em sua porta e câmeras de TV no acesso. Você quer proteção? Não acolha estranhos e abstenha-se de agir de modo esquisito ou de ter pensamentos bizarros. Você quer aconchego? Não chegue perto da janela, e jamais a abra. O nó da questão é que se você seguir esse conselho e mantiver as janelas fechadas, o ambiente logo ficará abafado e, no limite, opressivo.⁴⁰

Ser livre pressupõe uma responsabilidade difícil de suportar perante a líquida vida social, cada vez mais diluída na ausência de uma autêntica compreensão e valorização da figura do “Outro”, que é sempre imputado como o “estranho”, jamais um potencial indivíduo capaz de interação. Comunidade significa “mesmice”, a ausência do “outro”, especialmente um “outro” que teima em ser diferente, e precisamente por isso é capaz de provocar surpresas desagradáveis e prejuízos. As parcerias não se fortalecem e os medos não se dissipam. Segundo Bauman,

O tipo de incerteza, de obscuros medos e premonições em relação ao futuro que assombram os homens e mulheres no ambiente fluido e em perpétua transformação, em que as regras do jogo mudam no

³⁹ LASCH, Christopher. *O mínimo eu*, p. 237.

⁴⁰ BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*, p. 10.

meio da partida sem qualquer aviso ou padrão legível, não une os sofredores: antes os divide e os separa.⁴¹

Nunca a humanidade conseguiu se livrar por grande espaço de tempo do poder opressor desse ameaçador inimigo que é o medo, encarnado em diversas figurações sociais e existenciais, e certamente nunca conseguiremos nos libertar plenamente dele, situação que seria de fato uma utopia, e não uma análise concreta da dinâmica fluida do mundo real, marcado pelas suas inúmeras contingências e contradições. Todavia, podemos tornar a nossa vida, ainda que espreitada pelo medo, mais saudável e afirmativa, se aceitarmos a finitude da condição humana e nos esforçarmos pela instauração de uma prática ética que valorize de fato a interatividade entre as pessoas, interatividade essa que é cada vez mais liquefeita nos nossos ansiosos tempos pós-modernos. Conforme argumenta Bauman,

O direito do Outro à sua estranheza é a única maneira pela qual meu próprio direito pode expressar-se, estabelecer-se e defender-se. É pelo direito do Outro que meu direito se coloca. “Ser responsável pelo outro” e “ser responsável por si mesmo” vêm a ser a mesma coisa.⁴²

O discurso de Bauman apresenta de modo extremamente evidente a crueza da “vida líquida”, mas ao mesmo tempo uma via de superação da crise de valores que consome as qualidades da humanidade contemporânea. A sua consistência argumentativa se manifesta justamente na possibilidade de analisarmos o rumo existencial que escolhemos seguir na dita pós-modernidade, e a capacidade de desenvolvermos uma orientação de vida mais sólida e substancial, mediante a valorização das diferenças existenciais com as quais interagimos em nossa existência cotidiana.

⁴¹ *Ibid.*, p. 48.

⁴² BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e ambivalência*, p. 249.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. _____. *A arte da vida*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2009.
- _____. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas*. Trad. de José Gradel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- _____. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2004.
- _____. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Confiança e medo na cidade*. Trad. de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- _____. *Europa: uma aventura inacabada*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2006.
- _____. *Identidade: entrevistas a Benedetto Vecchi*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2005.
- _____. *Medo líquido*. Trad. de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2008.
- _____. *Modernidade e ambivalência*. Trad. de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1999.
- _____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.
- _____. *Tempos líquidos*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- _____. *Vida líquida*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- CHOMSKY, Noam. *O controle da mídia: os espetaculares efeitos da propaganda*. Trad. de Antônio Augusto Fontes. Rio de Janeiro: Graphia, 2003.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Trad. de Eduardo Jardim e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Nau Editora, 1999.
- FREUD, Sigmund. *O futuro de uma ilusão*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 2001.
- _____. *O mal-estar na civilização*. Trad. de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- FROMM, Erich. _____. *A arte de amar*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- _____. *Análise do homem*. Trad. de Octavio Alves Velho. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1983.
- GIDDENS, Anthony. *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Trad. de Magda Lopes. São Paulo: Ed. Unesp, 1993.

LASCH, Christopher. *O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis*. Trad. de João Roberto Martins Filho e Ana Maria L. Ioratti. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 2002.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Trad. de Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Record, 2002.

